

SAPARAS, Marcelo; IKEDA, Sumiko Nishitani. A persuasão e o processo de impeachment em editoriais dos jornais *folha de S.Paulo* e *the New York times*. *Revista Intercâmbio*, v. XXXVII: 98-117, 2018. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

A PERSUASÃO E O PROCESSO DE IMPEACHMENT EM EDITORIAIS DOS JORNAIS FOLHA DE SÃO PAULO E THE NEW YORK TIMES

PERSUASION AND THE IMPEACHMENT PROCESS IN EDITORIALS OF THE NEWSPAPERS FOLHA DE SÃO PAULO AND THE NEW YORK TIMES

Marcelo SAPARAS
(Universidade Federal de Grande Dourados – UFGD/MS)
marcelosaparas@ufgd.edu.br

Sumiko Nishitani IKEDA
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)
sumiko@pucsp.br

Resumo

O objetivo desta pesquisa é o exame crítico dos processos de representação referentes ao possível *impeachment* da presidente da República, Dilma Rousseff, dos jornais *Folha de S. Paulo* e *The New York Times*, com base nas metáforas relacionadas a expressões metafóricas presentes em editoriais e artigos de opinião desses jornais. As construções polarizadas da questão e os papéis dos participantes nos dois jornais são reforçados pela coesão lexical, permitindo aos jornais desenvolver consistentemente certos temas metafóricos que constroem entendimentos específicos do impeachment. O estudo segue uma combinação da abordagem cognitiva com a pragmática, com base na Teoria da Metáfora Conceptual (TCM) e na Linguística Crítica, que permitem verificar as relações entre escolhas de certas formas linguísticas e as ideologias e relações de poder que subjazem a essas formas, e nesse particular, a análise tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional. A análise mostra que essas escolhas constituem expressões metafóricas relacionadas a metáforas conceptuais que adquirem duas funções: (i) interferem nas representações do processo de impeachment, exercendo importante papel na retórica persuasiva que cada jornal utiliza sobre o fato; (ii) concorrem no estabelecimento da coerência discursiva do texto.

Palavras-chave: impeachment; representação; Teoria da Metáfora Conceptual; Linguística Crítica; Linguística Sistêmico-Funcional.

Abstract

The objective of this research is the critical examination of the processes of representation regarding the possible impeachment of the President of Brazil, Dilma Rousseff, found in the newspapers *Folha de S. Paulo* and *The New York Times*, based on the metaphors related to

metaphoric expressions present in editorials and opinion articles of these newspapers. The polarized constructions of the issue and the roles of the participants in the two newspapers are reinforced by lexical cohesion, allowing both newspapers to consistently develop certain metaphorical expressions that build specific understandings of the impeachment process. The study combines the cognitive and pragmatic approaches, based on the Conceptual Metaphor Theory (CMT) and Critical Linguistics, which allow the verification of the relations among the choices of certain linguistic forms, ideologies and power relations that underlie such forms, and its analysis is supported by Systemic-Functional Linguistics. The analysis shows that these choices constitute metaphorical expressions related to conceptual metaphors that acquire two functions: (i) they interfere in the representations of the impeachment process, playing an important role in the persuasive rhetoric that each newspaper uses about the fact; (ii) they contribute to the establishment of the discursive coherence of the text.

KEYWORDS: Impeachment; representation; Conceptual Metaphor Theory; Critical Linguistics; Systemic Functional Linguistics.

0. Introdução

Entre tantos acontecimentos marcantes em 2016, um dos que mais impactaram o Brasil e o Congresso Nacional, segundo a Agência Senado, foi o impeachment da presidente Dilma Rousseff, cujo processo foi caracterizado por polêmica e divergência de opiniões no Parlamento e na sociedade. Os casos de impeachment de Dilma bem como o de Collor em 1992 podem ser caracterizados por momentos de crise econômica e conseqüente baixa popularidade dos presidentes. Dilma, no início, teve forte apoio de movimentos sociais e de organizações sindicais, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), que organizou manifestações contrárias ao impedimento, e contava com ampla base aliada do Congresso, o que foi diminuindo ao longo do julgamento.

O processo de impeachment de Dilma Rousseff teve início em 2 de dezembro de 2015, quando o ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha deu prosseguimento ao pedido dos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal. Com uma duração de 273 dias, o caso se encerrou em 31 de agosto de 2016, tendo como resultado a cassação do mandato, mas sem a perda dos direitos políticos de Dilma. Na justificativa para o pedido de impeachment, os juristas alegaram que a então presidente havia cometido crime de responsabilidade pela prática das chamadas "pedaladas fiscais" e pela edição de decretos de abertura de crédito sem a autorização do Congresso.

No início de agosto, a comissão discutiu o relatório final do senador Antônio Anastasia, que defendeu a procedência da acusação e a realização do julgamento da presidente afastada. Os senadores que defendiam o impeachment elogiaram o texto, enquanto os aliados de Dilma afirmaram que o documento concretizava um "golpe". Em 4 de agosto, o relatório foi aprovado na comissão e seguiu para o Plenário.

Após 6 dias de julgamento, o Senado concluiu, em 31 de agosto, o impeachment de Dilma Rousseff, cassando o mandato da presidente, mas mantendo os seus direitos políticos. Foram 61 votos favoráveis e 20 contrários no julgamento que ficará marcado na história do Congresso Nacional e do Brasil.

O presente estudo examina as escolhas lexicogramaticais feitas na microestrutura dos textos dos dois jornais para relacioná-las à noção macro da ideologia, estabelecendo um elo entre o social e o individual, o macro e o micro, o social e o cognitivo. Nesse contexto, a pesquisa recorre, na esteira de Li (2010), à análise da coesão lexical, focalizando o modo como as repetições de itens lexicais relacionadas colocacionalmente constroem metáforas dominantes que permeiam os textos dos jornais, e como essas metáforas criam determinado entendimento do evento.

A propósito, para o tratamento de questões complexas, a mídia seleciona metáforas com forte impacto cultural - o que é favorecido pela metonímia - apoiando-se no papel central exercido por elas ao favorecer uma interpretação específica dos eventos, mostrando também o modo como os editoriais podem assim enquadrar um mesmo evento de maneiras diferentes.

Relacionado à coesão, o conceito de coerência, definido por Hasan (1984: 181) como a propriedade de "unidade" e de "estar juntos", traduz os modos pelos quais os significados semânticos e a informação pragmática subjacentes à superfície textual estão ligados mutuamente. Essas relações textuais são conexões nem transparentes nem tampouco simples e, assim, envolvem (re)interpretações e (re)definições de conceitos e relações, encorajando o leitor a interpretar o texto usando a lógica subjacente de relações que contribuem para a criação da coerência discurso, segundo a autora.

Metodologicamente, o artigo conta com o apoio das propostas da Teoria da Metáfora Conceptual e da Linguística Crítica bem como do contexto analítico oferecido pela Gramática Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 1994, 2004). As representações captadas pelas metáforas conceptuais via coesão lexical serão examinadas em três editoriais e dois artigos de opinião em cada um dos jornais, a *Folha de S. Paulo* e o *The New York Times*, todos datados de antes do impeachment. A pesquisa responde às seguintes perguntas: (a) com referências às representações nos jornais, como é feita a persuasão por meio das metáforas conceptuais? (b) qual é a importância da coesão lexical no processo metafórico da persuasão.

1. O jornal como um lugar do pensamento nacional

Enquanto estudos de várias tradições sobre a mídia das notícias estabelecem geralmente a reportagem como um lugar e um processo de interação social e de construção da ideologia (MCCOMBS AND BELL, 1996; THOMPSON, 1990, 1995; VAN DIJK, 1993; FAIRCLOUGH, 1995; FOWLER, 1996), o onipresente jornal diário efetiva um papel único na estruturação do pensamento social e na disseminação do conhecimento social sobre assuntos relacionados à agenda nacional.

Anderson (1991) afirma que as características gerais do jornal tornam possível o envolvimento das pessoas no discurso nacional e, assim, fazem acreditar que formam uma comunidade nacional. Esse sentimento é produzido de duas maneiras: primeiro, a comunicação em massa das ideias por meio dos jornais; segundo, a experiência compartilhada com os leitores.

A afirmação de Anderson é compartilhada por Billig (1995), que fornece uma definição detalhada de como o contexto e a referência nacional podem ser marcados explícita ou implicitamente, por meio do conteúdo do texto jornalístico. Billig defende a visão de que os jornais organizam o pensamento social sobre assuntos relacionados com a agenda nacional por meio de mensagens, estereótipos e expressões dêiticas. Como um lugar social e linguístico importante, portanto, o jornal tem um papel primordial na construção do significado social, convidando os leitores a refletir sobre os assuntos nacionais a partir de diferentes posições de leitura. Por isso, é especialmente importante examinar a reprodução das crenças sociais e o pensamento nacional sobre assuntos relacionados aos interesses e posicionamentos nacionais por meio do jornal diário.

1.1. *Folha de S. Paulo e The New York Times*

A *Folha de S. Paulo* é, atualmente, o centro de uma série de atividades na esfera da indústria das comunicações, abrangendo jornais, banco de dados, instituto de pesquisas de opinião e de mercado, agência de notícias, serviço de informação e entretenimento em tempo real e gráfica de revistas. O jornal procura noticiar com pluralismo, apartidarismo, de modo crítico, analítico e independente. A *Folha*, ao longo da campanha do impeachment e durante o período que antecedeu a votação no primeiro turno das eleições, deu, no entanto, muito mais ênfase a manchetes desfavoráveis à candidata do que a manchetes favoráveis.

O *The New York Times* é notável por sua cobertura de notícias internacionais bem como por sua influência sobre o conteúdo de outras mídias de massa. Sua força está em sua excelência editorial. Nunca foi, no entanto, o maior jornal em termos de circulação. Desfrutou de grande sucesso inicial, pois seus editores definiram uma meta para o futuro, apelando para cultura, leitores intelectuais, em vez de um

SAPARAS, Marcelo; IKEDA, Sumiko Nishitani. A persuasão e o processo de impeachment em editoriais dos jornais *folha de S.Paulo* e *the New York times*. *Revista Intercâmbio*, v. XXXVII: 98-117, 2018. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

público de massa. Hoje é um jornal diário internacionalmente reconhecido fundado e distribuído durante todo os Estados Unidos. O jornal é propriedade de The New York Times Company e é publicado em Nova York, NY.

2. Contextos históricos e políticos

Desde a eleição do ex-presidente Lula em 2002 e sua reeleição em 2006 até os dias de hoje, a direita brasileira, em geral, e a imprensa, em particular, buscam deslegitimar tanto ele quanto o seu partido, o PT, apesar do reconhecimento internacional que obtiveram na luta contra a pobreza com as políticas do Bolsa Família e Minha Casa, Minha Vida – destinadas à população de baixa renda. Essa oposição se tornou mais evidente com a eleição de sua sucessora Dilma Rousseff, em 2010 e, especialmente, após sua reeleição em 2014, quando ela ganhou (por pouco) do candidato da oposição Aécio Neves, do PSDB.

Por outro lado, em 2005, o PT – entre outros partidos – esteve envolvido no escândalo do Mensalão, um esquema de corrupção para compra de votos favorecendo propostas do governo. Apesar do envolvimento de outros partidos no escândalo do mensalão, “a mídia seletivamente colocou seu foco no PT e nos políticos do PT, além do próprio Lula”, conforme explicação de Van Dijk (2016). Simultaneamente, em 2015, a crise financeira internacional também chegou ao Brasil, e a situação econômica do país se deteriorou rapidamente, contribuindo ainda mais para uma atmosfera geral de crise, afetando boa parte da população.

3. Contexto teórico e analítico

Analisando a estrutura do discurso de textos, Van Dijk (1993, 1997) tenta relacionar a noção *macro* da ideologia às noções *micro* dos discursos e das práticas sociais de membros de grupo, estabelecendo um elo entre o social e o individual, o macro e o micro, o social e o cognitivo. Essa abordagem permite ao analista ver como os membros de diferentes grupos sociais podem articular e defender discursivamente suas ideologias para servir aos interesses do grupo. Li (2010), com base na proposta de van Dijk, recorre a uma metodologia que se apoia na gramática-da-oração para explicar o modo como os traços da estrutura superficial do texto comunicam ideologias específicas e identidades de grupo no nível profundo, e indica a Linguística Sistêmico-Funcional em sua pesquisa.

Por outro lado, estudiosos (entre outros, CHARTERIS-BLACK, 2004; HELLSTEN, 2000; KENNEDY, 2000; LAKOFF, 2004) têm focado o papel exercido por metáforas e metonímias com a finalidade de favorecer uma interpretação específica sobre os eventos nas reportagens de notícias. Pinelli (2016) mostra como a mídia pode

SAPARAS, Marcelo; IKEDA, Sumiko Nishitani. A persuasão e o processo de impeachment em editoriais dos jornais *folha de S.Paulo* e *the New York times*. *Revista Intercâmbio*, v. XXXVII: 98-117, 2018. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

usar as metáforas para enquadrar um mesmo evento de maneiras diferentes.

Essa relação entre metáfora e metonímia é tratada por Velasco-Sacristán (2010), dentro de um enquadre cognitivo-semântico, em que a autora corrobora a visão de Taylor (1995: 138), de que todas as metáforas precisam necessariamente de metonimizadas subjacentes. Para tanto, Velasco-Sacristán distingue metáfora e metonímia com base na associação semântica: a metáfora em termos de similaridade e a metonímia em termos de contiguidade. Assim, para uma metáfora como JOÃO É UMA RAPOSA ser entendida como “João é esperto” (similaridade entre João e raposa), é necessário que nessa cultura “raposa” seja considerada um animal esperto (continuidade metonímica).

3.1 Metáfora e persuasão

Nesse contexto, a metáfora, segundo Charteris-Black (2004), é uma dessas escolhas linguísticas conscientes que esconde processos sociais subjacentes, e a análise da metáfora – que é a identificação das metáforas conceituais e expressões metafóricas – pode ajudar a identificar o conteúdo textual implícito.

Para dar uma ideia do que significa um conceito ser metafórico e como por ele estruturamos nossa atividade diária, Lakoff e Johnson (1980) analisam o conceito de “argumento” e a *metáfora* conceptual ARGUMENTO É GUERRA. Essa metáfora decorre de expressões metafóricas, tais como: **Destruí** seu argumento. Ele **atacou** todos os pontos do meu argumento. Nunca consegui **vencê-lo** numa argumentação. Suas críticas **atingiram** diretamente o **alvo**.

Luchjenbroers e Aldridge (2007) tratam da função persuasiva da metáfora, aliada à noção de *frame*. A metáfora capta, dizem os autores, estereótipos culturais, codificados nas escolhas de descritores por parte do falante e é um poderoso instrumento na investigação das atitudes do falante. Os *frames* são conjuntos de informação aceitos culturalmente que envolvem qualquer termo lexical. Em termos de Velasco-Sacristán, os *frames* garantem a contiguidade subjacente à metáfora.

A análise da metáfora deveria ser um componente central da análise crítica do discurso, segundo Charteris-Black (2004). Isso porque as metáforas são usadas persuasivamente para expressar avaliação, e por isso constituir parte da ideologia dos textos. Com isso em mente, o autor afirma que a metáfora é vital na criação dessa apresentação da realidade; é o que Fairclough (1995:71) descreve como “a configuração total das práticas discursivas de uma sociedade ou uma de suas instituições”.

3.2 Coesão Lexical

A escolha lexical e a coesão, segundo Li (2010), constroem significados no discurso que transcendem os significados referenciais de cada palavra por meio da interação de itens lexicais que se relacionam semântica e pragmaticamente. Definida por Widdowson (1978:31) como "a relação explícita linguisticamente sinalizada entre proposições", a coesão é uma propriedade textual que trata do modo como as palavras no texto estão conectadas umas às outras para estabelecer a coerência textual. Para Van Dijk (1988:177), a escolha lexical é "um eminente aspecto do texto em que opiniões e ideologias escondidas podem se superficializar". Além disso, relacionada à coesão, o conceito de coerência, definida por Hasan (1984: 181) como a propriedade de "unidade" e de "estar juntos", estabelece os modos pelos quais os significados semânticos (coesão) e a informação pragmática (coerência) subjacentes à superfície textual estão ligados mutuamente.

A propósito, segundo Bednarek (2005) explica que a coesão é uma propriedade inerente ao texto, referindo-se a meios textuais explícitos pelos quais as conexões lógicas potenciais são sinalizadas, ou seja, a coesão se refere ao modo pelo qual as sentenças ligam-se no texto por meios lexicais e estruturais. Já a coerência é estabelecida pelos receptores da mensagem, e não os textos, embora os meios coesivos dos textos exerçam um amplo papel ajudando os ouvintes a estabelecer a coerência.

A coesão lexical, então, não é meramente um instrumento coesivo estável que liga estruturas de informações no texto; é um processo dinâmico que formata o significado de um texto e contribui para sua formação geral. Entendida deste modo, a coesão lexical pode fornecer intravisiões importantes sobre os processos da construção ideológica do texto. Essa visão da coesão lexical funde-se de modo importante com a teoria da metáfora conceptual desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980). De acordo com os autores, a presença difundida da metáfora na língua evidencia a estrutura cognitiva metafórica dos nossos sistemas conceptuais.

Como um mapeamento ontológico e epistêmico através de domínios conceptuais (do domínio fonte para o domínio alvo), a metáfora não é apenas um item da linguagem, mas também um conceito intimamente ligado ao pensamento e à razão, que assim tem consequências sociopolíticas.

As metáforas conceptuais e a coesão lexical, assim, explica Li (2010), influenciam nossas experiências cognitivas e predisõem-nos a ver aspectos da realidade de uma certa maneira e não de outras.

3.3 Linguística Crítica

A Linguística Crítica é uma abordagem desenvolvida por um grupo da Universidade de East Anglia na década de 1970 (FOWLER; KRESS; HODGE, 1979), uma tentativa de casar um método de análise linguística textual com uma teoria social da linguagem em processos políticos e ideológicos, recorrendo à Linguística Sistêmico-Funcional.

O ponto teórico principal na análise de Fowler é que *qualquer* aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica - seleção lexical, opção sintática, etc. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas e, assim, diferenças de representação.

A linguística crítica, diz Fowler (1991:89), “propõe que a análise, usando instrumentos linguísticos próprios e com referência a contextos históricos e sociais relevantes, pode trazer a ideologia, normalmente escondida através da habitualização do discurso, para a superfície para inspeção”. Assim, ela envolve a análise ideológica do conteúdo textual implícito, e baseia-se na visão de que textos não são neutros como parecem; isso porque os processos sociais que levam a escolhas conscientes são escondidas ou feitas opacas na codificação linguística.

3.4 Linguística Sistêmico-Funcional

O presente estudo tem o apoio teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1994, 2004). Para a LSF, a língua está estruturada para construir três tipos de significados simultâneos: *ideacional*, *interpessoal* e *textual*, graças a um nível intermediário de codificação - a lexicogramática. Importante para a LSF é a noção de escolhas (HALLIDAY, 1994). Essas escolhas são descritas em termos funcionais para que sejam significativas semântica e pragmaticamente.

A metafunção ideacional representa os eventos das orações em termos de *acontecer*, *fazer*, *sentir*, *significar*, *ser* e *tornar-se*, por meio do sistema da transitividade, que constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de tipos de processo, participante e circunstância (conforme Quadro 1); a metafunção interpessoal envolve as relações sociais com respeito à função da oração no diálogo, e referem-se a dar/pedir informação ou bens & serviços, envolvendo a modalidade (modalização via probabilidade e frequência) e modulação via obrigatoriedade e inclinação; a metafunção textual organiza os significados ideacionais e interpessoais de uma oração (mas não será considerada neste artigo).

Relação Processos/Participantes/Circunstâncias

Processo (em maiúscula)	Participantes	Circunstâncias
Material	<u>Dilma</u> PRATICOU <u>as pedaladas</u> fiscais. Ator Meta	
Comportamental	<u>O preso</u> LAMENTAVA Comportante	<u>de agonia</u>
Mental	<u>Ela DAVA o caso</u> Experienciador Fenômeno	<u>como morto</u>
Existencial	<u>HÁ muitos fios desencapados.</u> Existente	
Relacional	<u>A acusação É gravíssima.</u> Portador Atributo	
Verbal	<u>Ela lhe AFIRMOU</u> tratar-se e golpe. Dizente Receptor Verbiagem	

Fonte: autores

Com seu foco na seleção, categorização e ordenação do significado nas microestruturas no nível da oração mais do que no macronível do discurso, a GSF é especialmente útil para uma análise sistemática, com enfoque nos traços linguísticos no micronível dos textos do discurso, fornecendo intravisiões críticas na organização dos significados no texto. Como Martin e White (2005:7) explicam, "a LSF é um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso".

A análise dos editoriais conta com a participação da noção de avaliatividade - rótulo para uma coleção de recursos semânticos para negociar emoções, julgamento e apreciação, que ampliou o poder analítico da metafunção interpessoal e que é explicado a seguir.

3.4.1 Avaliatividade

Martin (2000, 2003) e seus colaboradores propõem o sistema de *appraisal* (doravante avaliatividade), uma elaboração dos recursos interpessoais de Halliday (1994). Incluem assim, a avaliatividade, ao lado do *mood* e da modalidade, de Halliday. O *mood* estabelece as relações entre papéis de falante e ouvinte, por meio de verbos modais e adjuntos modais, além do tempo primário e da modalidade. A modalidade expressa a avaliação dos interlocutores sobre o conteúdo da mensagem, bem como do interlocutor.

A essa proposta, Martin acrescenta que a avaliatividade refere-se à inflexão linguística da ATITUDE, ENGAJAMENTO e GRADUAÇÃO (MARTIN, 1997, 2000; WHITE, 1998, 2004; MARTIN; WHITE, 2005). A categoria principal ou subsistema de ATITUDE é o **afeto**, que trata da expressão de emoções (felicidade, medo, etc.). Relacionados a ele há mais dois subsistemas: **julgamento** (tratando de avaliação moral: honestidade, generosidade, etc.) e **apreciação** (tratando da avaliação estética: sutileza, beleza, etc.), que envolve a **avaliação social** (avaliação positiva ou negativa de produtos, atividades, processos ou fenômenos sociais). A GRADUAÇÃO envolve um conjunto de recursos

SAPARAS, Marcelo; IKEDA, Sumiko Nishitani. A persuasão e o processo de impeachment em editoriais dos jornais *folha de S.Paulo* e *the New York times*. *Revista Intercâmbio*, v. XXXVII: 98-117, 2018. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

para aumentar ou diminuir a intensidade da avaliatividade. O ENGAJAMENTO envolve: **monoglossia** (afirmações não dialogizadas (*bare assertions*) sem alternativas para o interlocutor ou **heteroglossia** (afirmações dialogísticas nas quais se sinaliza algum compromisso com posições alternativas/voz).

Nesse contexto, Martin fala em pareamento do significado ideacional com o interpessoal presente na avaliação dentro da linguística, ou seja, significados ideacionais que não usam léxico avaliativo mas evocam afeto, julgamento e apreciação. Assim, surge um item complicador que é o fato de que o que conta como a avaliatividade depende do campo do discurso.

4. Metodologia

A pesquisa recorre a uma metodologia que tem como base a na gramática-da-oração para explicar o modo como os traços léxico-gramaticais da estrutura superficial do texto comunicam ideologias específicas e identidades no nível profundo do discurso no enquadre da Linguística Sistemico-Funcional, de Halliday (1994).

4.1 Dados

São analisados os seguintes textos, cuja seleção obedeceu aos seguintes critérios: 3 editoriais e 2 artigos de opinião para cada jornal, sendo todos anteriores à data do impeachment (31.08.16).

Folha de S.Paulo

Título	Autoria	Data	No. Pals.
A Alma Do Negócio	Editorial	24.02.16	402
O Cadáver Abriu os Olhos	Gentile	25.02.16	310
Isolada e à Deriva	Editorial	04.03.16	412
Ruídos Preocupantes	Editorial	06.04.16	393
Impacto Profundo	Canzian	07.04.16	327

The New York Times

Título	Autoria	Data	No. Pals.
President of Brazil May Face Impeachment	Romero	11.04.16	599
Dilma Rousseff's Impeachment Isn't a Coup, It's a Cover-Up	Barros	19.04.16	766
Facing Impeachment, Dilma Rousseff Fights for Political Survival	Editorial	19.04.16	459
Making Brazil's Political Crisis Worse	Editorial	13.05.16	380
Brazil's Gold Medal for Corruption	Editorial	06.06.16	519

4.2 Procedimentos de Análise

Para responder às perguntas de pesquisa –(a) com referências as representações nos jornais, como é feita a persuasão por meio das metáforas conceptuais? (b) qual é a importância da coesão lexical no processo metafórico da persuasão? – a análise segue as seguintes etapas: (1) análise da coesão lexical; (2) análise das expressões metafóricas que revelam as metáforas conceptuais.

5. Análise e discussão dos resultados

A análise tem início com o exame da coesão lexical, cujos elementos constitutivos no texto, constroem as metáforas conceptuais no discurso, fundamentadas pelas respectivas expressões metafóricas.

5.1 Análise da coesão lexical e da metáfora na *Folha de S.Paulo*

A análise da coesão lexical neste capítulo enfoca as repetições de itens lexicais relacionadas colocacionalmente que concorrem para a realização da coesão do texto e constroem metáforas dominantes que funcionam como temas organizacionais, de acordo com Li (2010), criando um determinado entendimento do impeachment nos artigos de opinião e editoriais da *Folha de S.Paulo*.

O recurso coesivo de referência, realizado por meio dos itens negritados refere-se ao modo como o escritor introduz participantes e os mantém no texto. Para capturar o padrão de referência em um texto, usa-se uma forma de apresentação conhecida como *cadeia de referência* (desenvolvida e exemplificada em Martin (1992:140). A cadeia aqui é formada pelos elementos realçados presentes nas expressões metafóricas (numeradas de 1 a 20 no Quadro 1) que, no nível conceptual, realizam a METÁFORA DO FIM. Interessante notar, nesse processo, a relação entre a gramática e o discurso, entre o concreto do texto e a ideologia mental do discurso. Essa metáfora revela a posição do jornal a favor do impeachment da presidente e, assim, tenta persuadir o leitor.

O Quadro 1 mostra, assim, a METÁFORA DO FIM, sugerindo o prenúncio da cassação de Dilma, o fim de seu governo, consistentemente invocada pela *Folha de S. Paulo* nas escolhas lexicais referentes à morte, ao isolamento, ao déficit, à perda de controle do governo Dilma – todas marcadas, em termos da metafunção interpessoal, com avaliatividade de avaliação social negativa, expressa com engajamento monoglóssico, em que as proposições são declaradas de maneira absoluta, sem possibilidades de posições alternativas.

Se complementarmos essa análise com a oferecida pelo sistema da transitividade, da metafunção ideacional, observaremos que Dilma é mencionada de duas formas: (a) embora seja o sujeito das orações em que é citada, o processo dessas orações a coloca em geral como parte passiva, ou, em termos da LSF: experienciador (3¹), portador (8), (11), 12, existencial (14), (19); (b) Dilma é meta (objeto direto da gramática tradicional) (10), (15), (18), Dilma é adjunto adnominal ou adverbial (termos acessórios da oração) ou, em termos da LSF: atributo (2), (9), (11), circunstância (12). Em nenhum dos casos citados no Quadro 1, Dilma surge como ator (agente em termos tradicionais) dos processos de que faz parte, nem é o experienciador que decide, ou dizente que declara sua vontade. Ela é meta, ou experienciador que se desengana (3), ou é existente que cai (14), ou o portador atordoado (2).

Quadro 1 – METÁFORA DO FIM

Artigo de opinião	1. Há muitos fios desencapados [...] 2. A crise política que atordoa a administração Dilma Rousseff 3. Dilma Rousseff dava o impeachment como morto 4. Só faltava enterrá-lo 5. O defunto [...] abriu os olhos 6. O defunto pediu um copo de água. 7. O processo [...] foi confundido com um cadáver 8. Dilma conta com a baixa temperatura das ruas, hoje anestesiadas ,
Artigo de opinião	9. [...] pede a cassação de Dilma na Justiça Eleitoral.
Editorial	10. Capazes de [...] afundar de vez o grupo político alojado no Palácio. 11. A presidente parece cada vez mais isolada e à deriva . 12. A presidente [...] sem condições de retomar o leme.
Editorial	13. É uma agonia acompanhar a dificuldade que a esquerda [...] 14. O governo Dilma [...] consecutivo de déficit e ameaçado de cair [...] 15 O excesso do remédio que está matando o doente 16. A trajetória da dívida pública indica se corremos o risco de quebrar
Editorial	17. Predomina uma dissonância paralisante . 18. [...] único interesse do Planalto é garantir a própria sobrevivência . 19. Caso Dilma sobreviva ao impeachment 20. Eis que o PT agora pretende abandoná-las .

Ao lado desse tropo, outra metáfora consolida a representação do jornal a favor do impeachment - a METÁFORA DA CULPA - conforme mostra o Quadro 2. A argumentação tecida em favor dessa representação conta com as escolhas lexicais negritadas cuja presença marca as expressões metafóricas, que no nível conceptual constroem a METÁFORA DA CULPA, mostrando que o impeachment decorreria dos próprios desmandos da presidente e do PT: a presidente estava ciente do sistema de corrupção que rondava seu governo, e daí a consequente

¹ Os números referem-se às orações do Quadro.

baixa popularidade que passou a desfrutar concomitantemente às delações premiadas que comprometeram seriamente os petistas e, em especial, a figura de Lula. Novamente, todos os itens negritos recebem avaliatividade de avaliação social negativa, alguns marcados com graduação de força maior ("gravíssima", "piores recessões"); enquanto outros são *tokens* de atitude, já que são negativas no contexto em questão, como é o caso de: "sobreviva" ou "sobrevivência".

Em termos da transitividade, Dilma e o PT preenchem os lugares acessórios da oração como em (6), (9), (23) ou meta de processo material (8), (19) ou ator em oração de conteúdo semântico que lhe é desfavorável (16), (19), (20), 22, 23. Três nomes são exceção: Santana (12), Duda Mendonça (13) e Delcídio do Amaral (PT) (15) são atores em processo material, mas como participantes ativos da corrupção que, de uma maneira ou outra, impregnou o governo Dilma, contribuindo para possibilidade do impeachment.

Quadro 2 – METÁFORA DA CULPA

Artigo de opinião	<ol style="list-style-type: none"> 1. [...] e a prisão do responsável pelas campanhas de Dilma e Lula 2. [...] sobre o qual recaem suspeitas [...] dinheiro desviado da Petrobras. 3. [...] só 30% do caso, "a ponta do iceberg", havia sido revelado. 4. Há 40 delações assinadas e outras tantas em negociação. 5. [...] fatores potencialmente desestabilizadores para o governo 6. [...] imerso na baixa popularidade de Dilma 7. [...] e numa das piores recessões da história (o desemprego...) 8. O primeiro é a incapacidade demonstrada pelo Planalto [...] 9. [...] cercos ao ex-presidente Lula, fragilizado pelas acusações [...]
Artigo de opinião	<ol style="list-style-type: none"> 10. [...] alvos das investigações [...] propinas com verba surrupitada dos cofres da Petrobras. 11. [...] o petrolão auxiliou a candidatura. 12. Santana amealhou espantosos R\$ 88,9 milhões do PT 13. Duda Mendonça admitiu caixa dois na eleição de Lula em 2002. 14. Sobre Dilma paira o conteúdo delações colhidas pela Lava Jato.
Editorial	<ol style="list-style-type: none"> 15. Delcídio do Amaral (PT - MS) fez acordo de delação premiada 16. Lula e Dilma detinham conhecimento do sistema de corrupção [...] são acusações gravíssimas 17. Divulgaram-se nesta quinta-feira os números desastrosos do PIB.
Editorial	<ol style="list-style-type: none"> 18. Pagamentos de dívidas de Estados e municípios de R\$ 10 bilhões ao ano Abatimento em sua meta fiscal de quase R\$ 100 bilhões para compensar quedas na receita e bancar investimentos 19. Dilma [...] ao cobiçar que o Banco Central volte a emitir títulos, vetado pela Lei de Responsabilidade Fiscal (em 2000).
Editorial	<ol style="list-style-type: none"> 20. O Planalto abusou das mentiras. 21. A conta dos desmandos, infelizmente, recairá sobre o consumidor. 22. Poder Executivo descumpriu metas de economia nas contas públicas. 23. A desafinação da orquestra e a imperícia da condutora já cobraram demais do país.

As escolhas lexicais negritadas nos Quadros 1 e 2 contribuem para estabelecer a coesão do texto e, conseqüentemente, a coerência do discurso (HASAN, 1984), estabelecendo os modos pelos quais os significados semânticos (coesão) e a informação pragmática (coesão) subjacentes à superfície textual estão ligadas mutuamente.

Nesse entendimento, os textos da *Folha de S.Paulo* lançam mão de fatos amplamente divulgados por esse noticiário, contando, assim, com o conhecimento de mundo (ou *frame*²) presente na memória humana. É um processo denominado de intersubjetividade por Kärkkäinen (2006), que considera uma visão de avaliação mais dialógica, dinâmica e emergente – considerando-a mais como uma característica da língua intersubjetiva do que subjetiva. Hunston e Thompson (2000:143) também afirmam que "a expressão da atitude não é, como se costuma dizer, simplesmente uma questão pessoal (o falante "comentando" sobre o mundo), mas uma questão interpessoal em que a razão básica para adiantar uma opinião é eliciar a resposta solidária do endereçado".

5.2 Análise da coesão lexical e da metáfora no *The New York Times*

A análise dos editoriais e artigos de opinião do *The New York Times* mostra um direcionamento diferente do adotado pela *Folha de S.Paulo*. A representação do jornal com referência à possibilidade ou não do impeachment de Dilma Rousseff enfoca o contexto nacional que cerca essa questão. O Quadro 3 mostra a coesão feita por meio de escolhas lexicais que descrevem o sistema político em ruínas, mergulhado em escândalos de corrupção e impunidade, deixando o público cético em relação ao futuro do país. O clima traduzido pelo jornal é de medo, doença, queda na economia, recessão, podridão da elite que, de maneira marginal, não mencionando diretamente a figura da presidente, indica a iminência do impeachment.

Quadro 3 – METÁFORA DO MEDO

Artigo de opinião	1. A volatile new stage in Brazil's political crisis . 2. Mr. Temer triumphantly calls for a government of "national salvation ". 3. Public skepticism abounds [...] the political leaders seeking to replace her. Brazil's political class is engulfed in graft scandals .
Artigo de opinião	4. Because of the Communism that threatens this country." 5. Brazilian political system is in ruins . 6. An enormous corruption investigation, known as Operation Car Wash. 7. Dallagnol feared a post-impeachment political offensive against the investigation.

²De acordo com Minsky 1975, p. 215 apud Bednarek, 2005), o *frame* pode ser considerado uma representação mental do nosso conhecimento de mundo, uma estrutura de dados que está localizada na memória humana e pode ser selecionada ou recuperada quando necessária.

SAPARAS, Marcelo; IKEDA, Sumiko Nishitani. A persuasão e o processo de impeachment em editoriais dos jornais *folha de S.Paulo* e *the New York times*. *Revista Intercâmbio*, v. XXXVII: 98-117, 2018. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

	8. Many observers in Brazil also fear a government led by Mr. Temer.
Editorial	9. Brazil is reeling from its worst recession since 1930. 10. The government is grappling with the outbreak of the Zika virus . 11. The corruption investigations have exposed a rotten governing elite.
Editorial	12. Michel Temer displayed poor judgment on his first day in office. 13. Seven of the new ministers had been tainted by a corruption scandal . 14. This forced Mr. Temer to promise [...] the executive branch would not interfere with the Petrobras investigation . 15. Under Brazilian law, senior government officials, including lawmakers, enjoy immunity from prosecution under most circumstances. That unreasonable protection has clearly enabled a culture of institutionalized corruption and impunity . 16. Systemic corruption schemes are damaging because they impact confidence in the rule of law and in democracy,"
Editorial	17. Brazil's economy is expected to shrink this year by roughly 3.5 percent.

Como se pode observar, os itens negritados no Quadro 3, são de avaliatividade de avaliação social negativa, na maioria com engajamento monoglóssico, embora introduzindo outra voz no discurso: "Dallagnol feared" (7), "Many observer" (8). A análise via transitividade mostra que Dilma não é participante das orações do Quadro 3, mas, sim, Temer (2), (8), (12), (14), o que reforça a hipótese de impeachment e faz prever a substituição da presidente pelo seu vice-presidente.

Quadro 4 – METÁFORA DA VÍTIMA

Artigo de opinião	1. Ms. Rousseff and her top aides argue that the impeachment proceedings amount to a coup . 2. Ms. Rousseff is rare among major political figures in Brazil in that she has not faced accusations of illicit personal enrichment.) 3. Ms. Rousseff's office quickly seized on the recording, describing it as an effort to destabilize the government.
Artigo de opinião	4. Unlike many Brazilian politicians, Ms. Rousseff isn't accused of taking bribes or trading cash for favors. 5. She is an easy target for the public's anger. 6. Bringing down Ms. Rousseff — even on charges unrelated to the original corruption investigation 7. At the same time that he was starting the impeachment process against Ms. Rousseff, Cunha was being investigated on corruption charges that include money laundering and taking bribes. 8. Bringing down Ms. Rousseff — even on charges unrelated to the original corruption investigation — would be a nice season finale to Operation Car Wash: a catharsis of epic proportions .
Editorial	9. Her exit must remember that the president was elected twice . 10. "I may have committed errors, but I never committed crimes ," Ms. Rousseff said. 11. That is debatable, but Ms. Rousseff is right to question the motives and moral authority of the politicians who are seeking to oust her. 12. Ms. Rousseff must leave office to stand trial on corruption charges. 13. Ms. Rousseff is accused of using money from national banks to paper over budget shortfalls, a tactic other Brazilian leaders have employed in the past without drawing much scrutiny. 14. Many suspect, however, that the effort to remove Ms. Rousseff has more to do with her decision to allow prosecutors to press ahead with

	a corruption investigation at Petrobras, the state oil company.
Editorial	15.[...] seven of the new ministers had been tainted by a corruption scandal and investigation that have shaken Brazilian politics. The appointments added to the suspicion that the temporary ouster of President Dilma Rousseff last month over allegations that she resorted to unlawful budget-balancing tricks had an ulterior motive: to make the investigation go away.
Editorial	16. [...] that many of the lawmakers leading the impeachment effort stand accused of more serious crimes than she does. 17. Still, the fact remains that she has presided over an era of economic stagnation. 18. The case against Ms. Rousseff is about much more than taking liberties in balancing the budget, which other elected officials in Brazil have done without drawing much scrutiny 19. She also cannot dodge questions about corruption that predate her presidency.

Ao mesmo tempo em que evita acusar a presidente como responsável por seu impeachment, o jornal mostra-a quase como vítima da situação que envolve o país. Dilma jamais foi acusada de enriquecimento ilícito (2), (4), além disso, cita o fato de ela ter sido eleita duas vezes (9) e de ela não ter responsabilidade por desmandos cometidos antes de assumir seu mandato (6), (19).

A propósito desses desmandos, o jornal mostra como a corrupção era vista com benevolência no Brasil (11), (13), (18). Por outro lado, o impeachment teria muito mais um objetivo de obscurecer as investigações da Lava Jato, do que acusar a presidente de envolvimento em corrupção, na medida em que não haveria, realmente, motivo para isso.

6. Considerações Finais

A análise mostrou, com base nas discussões acima, que discurso e gramática não são facetas muito diferentes da comunicação humana. Se assim fosse, gramática e discurso seriam complementares, não havendo relação interessante entre eles. O que se pode concluir é que nem a gramática não está necessariamente restrita ao nível da sentença; e nem os princípios do discurso estão necessariamente restritos a trechos mais amplos do que a sentença. Em outras palavras, algumas regularidades desfazem a divisão sentença/discurso. O discurso não é uma coleção aleatória de sentenças. Os falantes/escritores têm certas metas comunicativas, ao se envolverem no discurso, e essas metas requerem, em geral, muita inferência, muito além da simples decodificação das cadeias linguísticas.

O presente artigo explica o modo como as escolhas lexicogramaticais feitas no nível da concretude do texto relacionam-se com elementos conceptuais, tais como as metáforas, cuja força persuasiva tem apoio no *frame* que o leitor constituiu por meio de suas experiências e as registrou em sua memória. Nesse sentido, os

SAPARAS, Marcelo; IKEDA, Sumiko Nishitani. A persuasão e o processo de impeachment em editoriais dos jornais *folha de S.Paulo* e *the New York times*. *Revista Intercâmbio*, v. XXXVII: 98-117, 2018. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

editoriais e os artigos de opinião dos dois jornais examinados constroem representações diferentes sobre a possibilidade do impeachment nos dias que o antecederam.

Com o apoio da Gramática Sistêmico-Funcional como enquadre analítico, o artigo focalizou dois aspectos da oração nesses textos: a transitividade e a avaliatividade. A análise da transitividade dos participantes e processos bem como da avaliatividade nas representações dos dois jornais revelam posições diferentes em relação à referida possibilidade. As construções polarizadas da questão e os papéis dos participantes nos dois jornais são reforçados pela coesão lexical, permitindo aos jornais desenvolver consistentemente certos temas metafóricos que constroem entendimentos específicos do impeachment. Enquanto a *Folha de S.Paulo* constrói uma representação que cria um ambiente extremamente negativo do país via METÁFORA DO FIM, apontando Dilma e o PT como responsáveis pela possibilidade de impeachment via METÁFORA DA CULPA, o *The New York Times* constrói uma imagem diferente com enfoque em um contexto mergulhado em corrupção e impunidade via METÁFORA DO MEDO, representando Dilma mais como vítima do que culpada pela situação via METÁFORA DA VÍTIMA.

O que a análise enfatiza é a multidimensionalidade e a multifuncionalidade dos textos. Devido ao fato de o uso da língua necessitar de escolhas entre diferentes formas de significado, o estudo do modo como o significado é realizado por meio das metafunções do texto incorporadas nas escolhas gramaticais contribui para entender como a língua é organizada não como regras, mas como um “potencial para o significado” (Halliday, 1978). Essa análise detalhada revela o modo como os sistemas e as estruturas da gramática investem-se de entendimentos e consequências ideológicas. Com sua atenção na seleção de processos, na categorização e ordenação de significado no nível da oração, a GSF oferece uma metodologia concreta e poderosa para um detido exame dos aspectos estruturais do texto, fornecendo intravisiões da relação entre operações implícitas da estrutura da gramática e das motivações subjacentes, intenções e metas que formatam as escolhas individuais feitas pelo usuário da língua.

Referências bibliográficas

AGENCIA SENADO, *Impeachment de Dilma Rousseff*. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: 30 mar. 2017 (Adaptação).

ANDERSON, B. *Imagined Communities: Reflections of the Origins and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1991.

- SAPARAS, Marcelo; IKEDA, Sumiko Nishitani. A persuasão e o processo de impeachment em editoriais dos jornais *folha de S.Paulo* e *the New York times*. *Revista Intercâmbio*, v. XXXVII: 98-117, 2018. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X
- BEDNAREK, M. A. Frames revisited - the coherence-inducing function of frames. *Journal of Pragmatics* 37.5 (685-706), 2005.
- BILLIG, M. *Banal Nationalism*. London: Sage, 1995.
- CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. London: Palgrave Macmillan, 2004.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*. London: Longman, 1995.
- FOWLER, R. *Language in the News: Discourse and Ideology in the Press*. London: Routledge, 1991.
- _____. On critical linguistics. In: CALDAS-COULTHARD, C.R., COULTHARD, M. (Eds.) *Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis*. New York: Routledge, 1996.
- FOWLER, R.; HODGE, R.; KRESS, G.; TREW, T. *Language and Control*. London: Routledge & Kegan Paul, 1979.
- HALLIDAY, M.A.K. *Language as Social Semiotics: The Social Interpretation of Language and Meaning*. Baltimore: University Park Press, 1978.
- _____. *An Introduction to Functional Grammar*. London: E. Arnold, 1994.
- _____. *An Introduction to Functional Grammar*. London: E. Arnold, 2004.
- HASAN, R. Coherence and cohesive harmony. In: Flood, j. (Ed.), *Understanding Reading Comprehension*. Delaware: International Reading Association, 1984.
- HELLSTEN, I. Dolly: Scientific breakthrough or Frankenstein's monster? Journalistic and scientific metaphors of cloning. *Metaphor and Symbol*, 15: 213-221, 2000.
- HUNSTON, S.; THOMPSON, G. *Evaluation in Text – Authorial Stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- JORNAL ONLINE. NET. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <http://www.jornalonline.net/2041-folha-de-sao-paulo.htm>. Acesso em: 29 abr. 2017.

SAPARAS, Marcelo; IKEDA, Sumiko Nishitani. A persuasão e o processo de impeachment em editoriais dos jornais *folha de S.Paulo* e *the New York times*. *Revista Intercâmbio*, v. XXXVII: 98-117, 2018. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

KÄRKKÄINEN, E. Stance taking in conversation: From subjectivity to intersubjectivity. *Text & Talk* 26.6: 699-731, 2006.

KENNEDY, C. *Scalar representations in natural languages*. Evanston: Northwestern University, 2000.

LAKKOF, G. *Don't Think of an Elephant*. London: Chelsea Green, 2004.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LI, J. Transitivity and lexical cohesion: Press representations of a political disaster and its actors. *Journal of Pragmatics*, 42.12: 3444-3458, 2010.

LUCHJENBROERS, J.; ALDRIDGE, M. Conceptual manipulation by metaphors and frames: Dealing with rape victims in legal discourse. *Text & Talk* 27.3: 339-359, 2007.

MCCOMBS, M. B. T. The agenda-setting role of mass communication. In: SALWEN, M., STACKS, D. (Eds.) *An Integrated Approach to Communication Theory and Research*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1996.

MARTIN, J. R. *The English Text – System and Structure*. Amsterdam: John Benjamins, 1992.

_____. Analyzing genre: functional parameters. In: CHRISTIE, F.; MARTIN, J. R. *Genre and Institutions: Social Processes in the Workplace and School*. London: Cassell, 1997.

_____. Beyond exchange: appraisal systems in English. In: HUNSTON, S; THOMPSON, G. (Eds.) *Evaluation in text – authorial stance and the construction of discourse*. London: Oxford, 2000.

_____. Introduction. In: MACKEN-HORARIK, M.; MARTIN, J. R. *Negotiating heteroglossia: social perspectives on evaluation*. *Text*, 23.2: 171-181, 2003.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation – appraisal in English*. Great Britain: Palgrave Macmillan, 2005.

PINELLI, E. The Role of Metaphor and Metonymy in Framing Terrorism. *Metaphor and the Social World*, 6.1: 134-155. John Benjamins, 2016.

TAYLOR, J.R. *Linguistic Cross categorisation. Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Clarendon Paperbacks, 1995.

THOMPSON, J. *Ideology and Modern Culture: Critical Social Theory in the Era of Mass Communication*. Cambridge: Polity Press, 1990.

SAPARAS, Marcelo; IKEDA, Sumiko Nishitani. A persuasão e o processo de impeachment em editoriais dos jornais *folha de S.Paulo* e *the New York times*. *Revista Intercâmbio*, v. XXXVII: 98-117, 2018. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

_____. *The Media and Modernity: A Social Theory of the Media*. Stanford: Stanford University Press, 1995.

VAN DIJK, T. *News as Discourse*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.

_____. Principles of critical discourse analysis. *Discourse and Society* 4, 249-283, 1993.

_____. Discourse as interaction in society. In: Van DIJK, T. (Ed.) *Discourse as Social Interaction*, vol. 2. London: Sage, 1997.

_____. *Mídia brasileira usou seu poder para legitimar golpe de direita', afirma referência mundial da análise do discurso*. Entrevista para a UFMG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/045367.shtml>. Acesso em: 12 jan. 2018.

VELASCO-SACRISTÁN, M. Metonymic grounding of ideological metaphors: Evidence from advertising gender metaphors. *Journal of Pragmatics*, 42 (64-96), 2010.

WHITE, P.R.R. Extended Reality, Proto-Nouns and the Vernacular: Distinguishing the Technological from the Scientific. In: MARTIN, J. R.; VEEL, R. *Reading Science - Critical and Functional Perspectives on Discourses of Science*. London: Routledge, 1998.

_____. Subjectivity, Evaluation and Point of View in Media Discourse. In: COFFIN, C.; O'HALLORAN, K. *Grammar, Text & Context: A Reader*. London & New York: Arnold, 2004.

WIDDOWSON, H. G. *Teaching Language as Communication*. Oxford: Oxford University, 1978.